

ENCONTRO DE MODALIDADES: A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO ENVOLVIDAS NUM MESMO ESPAÇO

Humberto Meira de Araújo Neto - UFAL

Jair Barbosa da Silva - UFAL

Radjalma da Silva Teixeira - UFAL

RESUMO

O caráter mediato da tradução permite múltiplos modelos de atuação. Nesse processo, há sempre uma tentativa de traduzir os desejos, limites, autorizações, confrontos e negociações de decisões para o papel, o que demanda do Tradutor a compreensão das escolhas para, *a posteriori*, enquadrá-las em um julgamento, o qual é preestabelecido por alguém que reflete a própria prática. Assim, a tradução – e seu Tradutor – percorre uma linha tênue entre a domesticação e a estrangeirização (VENUTI, 1995), o sentido e a literalidade. A atividade do Intérprete, por sua vez, não se detém a reflexões, é urgente para mediações e evanescente para avaliações. Diante desse contexto, este trabalho tem por objetivo discutir, a partir da tradução de um capítulo do livro *Estudos surdos III* (QUADROS, 2008) os aspectos inter-relacionados da tradução e interpretação. Do ponto de vista metodológico, a obra foi traduzida por autores diferentes, em seguida, as traduções passaram por avaliação dos autores visando a uma adequação de modalidade, uma vez que o processo seguinte envolveu a sinalização da obra em vídeo. Após análise do material, constata-se que entre Libras e Língua Portuguesa há sentidos, muitas vezes, não correspondentes por pertencerem a modalidades distintas, embora, em termos funcionais, ambas as modalidades atendam àquilo que é propósito basilar das línguas naturais: a comunicação. Na inevitável confluência entre tradução e interpretação, temos o agir na reflexão, e não refletir no agir, em prol de um envolvimento harmonioso das línguas em questão. Amenizando o conflito entre o pensar da tradução e o agir da interpretação, uma proposta de atuação começa a ser discutida: Tradução & Interpretação. Esta proposta emerge a partir das novas perspectivas direcionadas para os efeitos de modalidades distintas, sobretudo, quando evoluímos oralidade, escrita e sinalização. Nessa diversidade de sistemas e modos linguísticos dispostos numa mesma zona, pode-se observar a prática cooperativa das duas linhas de trabalho que aqui foram apresentadas. Desse modo, a distância das ideias que separam a tradução da interpretação se reduz e ambos os conceitos se aliam para dar início a um novo processo. Naturalmente, as especificidades dos conceitos se influenciarão mutuamente. Logo, o tempo que a tradução permite para se jogar com as peças das línguas estará presente na pré-interpretação e a tensão de “mostrar a cara” nesse jogo também afetará as escolhas da pós-tradução. É nesse pensar que observamos a prática tradutória-interpretativa entre Libras e Português.

INTRODUÇÃO

Apresentamos, neste trabalho, algumas reflexões provenientes do processo de tradução/interpretação do Português escrito para a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS sinalizada. A principal delas, que norteia toda a pesquisa, está relacionada com os efeitos de modalidade nesse processo, que induzem duas linhas de trabalho a se fundirem, formando uma atividade distinta que podemos denominar de Tradução e Interpretação. Nesta prática específica, contamos com as características pertencentes a ambas as áreas (tradução e interpretação), além das implicações decorrentes das modalidades linguísticas, relacionadas aos canais de produção e recepção, ou seja, visuo-espacial (a LIBRAS) e oral-auditivo (o Português), e das modalidades de uso destas línguas, nas quais uma é escrita e a outra sinalizada e registrada em vídeo.

A beleza do caráter mediato da tradução, gerando crítica e autocrítica no adentrar do processo multilingual, impõe, por emergência, a variedade na possibilidade de modelos éticos de atuação. Nesse ponto Gile (1995) defende o limite mínimo de fidelidade, que acaba por aliar-se à ética, pois reflete a existência de uma verdade proposta.

Na interpretação, o risco e a exposição são os freios que temperam a luta entre o “falante” e o “destinatário”, sem retirar das mãos a incumbência da solução emergente por tomadas de decisões. O intérprete se enriquece pelos preceitos do seu familiar tradutor, e até constrói uma fundamentação para suas obras, mas no limiar das modalidades, um abismo em potencial começa a ser enxergado entre o ócio da tradução e o labor daquela que é simultânea.

De fato, existem várias formas de memória (de curto ou de longo prazo), mas a memória de que se faz uso quando se escuta uma mensagem é a memória que é chamada de “imediate” ou de “curtíssimo prazo”. Essa “medida mnésica” varia pouco de um indivíduo para outro e é muito limitada, segundo o que é demonstrado por testes em laboratório: “[Ele] retém no nível da consciência um segmento de cadeia sonora de cinco a nove ‘itens’ (palavras, letras, números...), que ele conserva no decorrer de dois a três segundos”. (OUSTINOFF, p. 96, 2011)

Nessa diversidade de sistemas e modos linguísticos dispostos numa mesma zona pode-se observar a prática cooperativa das duas linhas de trabalho que aqui foram introduzidas. Desse modo, a distância das ideias que separam a tradução da

interpretação se reduz e ambos os conceitos se aliam. A inviabilidade do sistema vigente da escrita de sinais soma razões para que esse novo processo seja introduzido. Sendo assim, o registro da tradução, que tem como alvo uma língua de sinais, se dá, nesse processo, que é geralmente aplicado na maioria das ocorrências que se veem, por meio de interpretação filmada. Ou seja, a mediação é mantida, mas o ator, que a faz, continua em cena.

MÉTODO

Foram observadas duas traduções de um capítulo de um livro com temática relacionada à tradução em Libras. A organização deste capítulo encontra-se com a titulação de “Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras”, e faz parte da coleção Estudos Surdos, enquadrado no volume III, no capítulo 8, pela editora Arara Azul em 2008. É composto de 39 páginas distribuídas em subtópicos. O texto apresenta algumas práticas de tradução experimentadas por tradutores/atores surdos do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, considerando o contexto de ensino e aprendizagem num ambiente virtual de aprendizagem – AVA. Com base nas traduções, observam-se as problemáticas envolvidas neste processo e os efeitos de modalidade interferindo no desenvolvimento de cada etapa, quando aspectos da interpretação imergem na tradução e vice-versa. As glosas utilizadas para transcrição foram previamente consultadas no Identificador de Sinais, da UFSC, para fins de padronização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do artigo selecionado, algumas inquietações emergiram, a saber: o registro; as inúmeras possibilidades de escolha; o estilo; e a representação da pessoa do discurso. Diante do título do artigo selecionado – Aspectos da Tradução/Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras-Libras – parte um primeiro questionamento: Por onde começar? Ter a oportunidade de pensar sobre o fazer desperta inúmeros questionamentos semelhantes a esse, que um contexto de interpretação simultânea não permitiria registrar no consciente, *quiçá* num papel. E é exatamente o papel, com seu registro gráfico, que

transforma o imediatismo do intérprete numa ação continuamente repensada denominada tradução.

Partir de uma fonte escrita para um alvo com restrições sociais de escrita, implica, nesse caso – e coincidentemente na temática discutida no artigo – ter como produto final uma tradução de modalidade oral (sinalizada). Isto quer dizer que as particularidades do texto escrito, tais como: a permanência e estabilidade; a densidade e formalidade das informações; o planejamento; entre outras, saíram do papel e entrarão no texto oral, que por si já carrega outras características opostas a essas, como a evanescência, a menor formalidade, a prosódia e o inevitável uso da gesticulação.

As palavras voam, os escritos permanecem: o escrito e o oral obedecem a lógicas diferentes. Tanto em um quanto em outro caso, o sentido é o mesmo – a forma tomada pelos significantes é que difere: evanescentes na forma oral, eles podem durar milênios sob a forma escrita, como no caso das estelas romanas. (OUSTINOFF, p. 95, 2011).

Um título é peculiar a um registro gráfico. Seu papel varia de acordo com o gênero textual e função que visa exercer. É autoexplicativo, e por isso geralmente se utiliza de vocábulos abrangentes que geram maiores possibilidades de significados, como por exemplo, “aspectos”, no texto referido. Transpondo para uma língua visual, num discurso não gráfico, é necessário que se mantenham essas características próprias de um título. Além desse desafio, a ordem da sentença vai interferir na compreensão que se tem de uma informação tão objetiva como a contida em títulos.

Todo o texto precisa ser lido previamente para se captar a ideia geral dos autores. Posteriormente, cada subtítulo carrega uma mensagem que se encadeia no todo. Dentro de cada subtítulo destrinchamos cada parágrafo que se forma em sentenças menores com significação. Não é possível se focar apenas nos termos, pois as ideias dos escritores estão sendo transmitidas e não as palavras.

São inúmeras as decisões que precisam ser tomadas durante uma atividade tradutória. Desde o início da tarefa de tradução, uma oscilação de possibilidades se apresenta. Por vez, múltiplas opções disputando um espaço na escolha do tradutor, em outras, a escassez e o vazio que não consegue ser preenchido sequer pela inferência desse profissional. Apesar da competência referencial nas temáticas abordadas no texto, a preocupação em manter o requinte proporcionado pela escrita do português imperava sobre a maioria das decisões que foram realizadas nesse processo.

Não é de extrema facilidade registrar os giros dados pela mente em torno de duas obras: aquela que está por construir e a outra já acabada. Por outro lado, pensar no que está fazendo e tomar esse processo como investigação traz luz aos caminhos percorridos em cada passo desta tradução e interpretação.

Segundo a opinião da maioria dos autores, esta dificuldade pode estar relacionada com (i) o fato que muitas informações são objeto de processamento automático e, por consequência, não são acessíveis ao ato introspectivo; (ii) a situação de apreensão gerada pelo experimento, ocasionando o cansaço dos sujeitos; e (iii) com determinadas expectativas dos sujeitos que interferem no curso e objetividade de suas verbalizações. (RODRIGUES, p. 37).

Alguns termos específicos do artigo traduzido exigiram maior cautela na escolha dos termos. O vocábulo “encenação”, no termo “tradução/encenação”, encontrou algumas alternativas como, “ATOR” e “TEATRO”. A segunda opção foi escolhida por conta do significado que ela ocupa no contexto, que posteriormente vai influenciar numa outra escolha de tradução, essa no termo “tradutor/ator”. Nesse caso, o mais adequado foi utilizar a glosa <ATOR>.

Sentenças curtas com forte significação na preposição constituem problemas de tradução por conta da ausência de preposições explícitas na língua alvo (Junior e Vasconcellos, 2008). Em simples expressões como “traduzir para”, do trecho “Aspectos da **tradução**/encenação na Língua de Sinais Brasileira **para** um ambiente virtual de ensino”, um sinal pôde contemplar essa ideia de movimento “de” “para” algum lugar. Podemos defini-lo como <ADAPTAR>, mas em muitos casos este sinal é utilizado como “transportar”, “traduzir”, “transformar”. De qualquer modo, o movimento está presente neste significante.

O fato de uma glosa já possuir equivalente em Libras não significa uma correspondência automática no processo de tradução. Um exemplo ocorreu com a palavra “prática”, que possui sinais com equivalência. Observe que há a presença de mais de um sinal, pois o utilizado na tradução difere do registrado no Identificador de Sinais. Isso já interfere no processo de escolha. O trecho apresentado anteriormente prossegue da seguinte forma: “práticas tradutórias do curso de Letras-Libras”. Houve um conflito em manter o sinal de <PRÁTICA> ou substituir por <COMO>, apresentando o sentido de “como funciona a tradução para o curso”. Neste caso, manteve-se a opção do sinal <PRÁTICA>, porém, adicionando-se um termo não

presente no título, mas que faz parte do contexto: <GRUPO>, esclarecendo que estas práticas se referem ao trabalho da equipe em questão no artigo.

Além das escolhas dos termos, outras técnicas foram desenvolvidas com base no modelo de Krings, comentado por Junior e Vasconcellos (2008) em Estudos da Tradução. Conhecida como estratégia de redução, ela possibilita que o tradutor, em última instância, opte por desconsiderar os termos de uma determinada expressão da língua fonte sintetizando essa expressão, ou seja, reduzindo-a a poucas palavras ou ao sentido direto.

Em diversos momentos, na captação da tradução, quando a fluência e naturalidade do texto devem ser mantidas, algumas complexidades estruturais que são pertinentes à escrita foram, primeiramente, compreendidas para então informar objetivamente o sentido que expressavam.

Um exemplo que se enquadra nessa estratégia mencionada pôde ser observado na página 171, no resumo do artigo, no trecho seguinte: “analisando-as conforme uma perspectiva descritiva”. Aqui, os sinais utilizados foram <ANALISAR + DESCREVER (explicar) >. A informação da perspectiva descritiva do autor é compreendida no momento em que o tradutor/ator encena estas ações. Nesse caso, temos uma peculiaridade do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais, que pode desenvolver (encenar) a ação descrita na língua fonte por meio do uso de classificadores ou pelo uso do espaço sub-rogado. (QUADROS e KARNOPP, 2004). Em casos como o citado acima, por exemplo, quando a ordem dos elementos precisa ser revista, não há como se fazer isso numa leitura e “atuação” simultânea. Eis a dificuldade dos profissionais intérpretes quando se deparam com discursos (monólogos expositivos) que têm por base um texto escrito (Quadros e Souza, 2008).

A tradução/interpretação para LIBRAS e o discurso nessa língua, de modo geral, possuem uma particularidade que permite que, em alguns momentos, se alterne entre a primeira e a terceira pessoa do discurso. Saber em qual contexto que se deve aplicar um ou outro é o que coloca em conflito o trabalho do TILS.

Alguns autores enquadram essas possibilidades dentro do uso de espaços, que pode ser caracterizado como espaço real, *token* ou sub-rogado. Nesse caso, quando se pode incorporar o sujeito e a ação por ele sofrida denominamos de sub-rogado. O exemplo demonstra como esse uso ocorre: “Como as línguas envolvidas usam canais articulatórios diferentes, os tradutores/atores podem produzir nos lábios palavras do

Português que estejam relacionadas com os sinais que estão sendo produzidos pelas mãos”. (p. 177). Aqui, o tradutor atuou como o tradutor/ator em questão, produzindo a articulação com a boca e associando os sinais. Outro detalhe observado nos casos de incorporação é que o olhar constitui valor distintivo no discurso. Ao olhar para a câmera, num caso específico como este de Tradução e Interpretação, o profissional estará narrando, pondo o sujeito, mesmo incorporado, em terceira pessoa. Ao desviar o olhar, o TILS estará encenando as ações do sujeito ainda incorporado.

Os efeitos de modalidades sugerem que a simples oposição entre línguas que apresentem esta distinção, como o caso do português e da LIBRAS, é suficiente para interferir nas etapas que correspondem ao trabalho de tradução/interpretação e esse novo contexto ao qual, tradutores de línguas de sinais estão sendo expostos – tradução de língua portuguesa escrita para língua de sinais – tem demonstrado a forte presença de aspectos da interpretação na tradução e vice-versa, na qual o profissional que exerce essa tarefa carrega consigo uma função, no mínimo, intrigante: a de ser tradutor e intérprete ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

- GILE, D. Fidelity in interpretation and translation. In: _____, Basic concepts and models for interpreter and translator training. V.8, p.49 – 74. John Benjamins, Amsterdam, 1995.
- OUSTINOFF, M. Tradução: história, teoria e métodos. Tradução; Marcos Marcionilo – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- PEREIRA, Maria C. P. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. Cadernos de Tradução, ISSN 2175-7968, Florianópolis, 2008.
- _____. (org.). Estudos Surdos III. Petrópolis: Arara Azul, 2008.
- _____; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- SEGALA, Rimar R. Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis: UFSC, 2010.
- RODRIGUES, Cássio. A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa. Florianópolis. Disponível em: <http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos/322.pdf>. Acesso em: Junho de 2014.